

As memórias da Imigração no Rio Grande do Sul

MIRIAM DE O. SANTOS

MARIA CATARINA C. ZANINI

Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir acerca da relação entre memórias e identidades étnicas partindo de pesquisa empírica realizada pelas autoras entre descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Pretende-se salientar o quanto às identidades étnicas e os processos interativos étnicos dialogam com as memórias e seus agenciamentos, conforme observado pelas narrativas dos “italianos” no sul do Brasil. Trata-se, em suma, de processos de negociação e de elaboração de fronteiras adscritivas.

Palavras-chave

Memória, identidade, etnicidade

Abstract

This article aims to discuss about the relation between recollections and ethnical identities, based in an empiric research carried by the authors on descendants of Italian immigrants in Rio Grande do Sul. Intends to demonstrate how ethnical identities and ethnical interactive process correlates with the recollections and the ethnical brokers, as observed in the narratives of the “Italians” in south of Brazil. To summarize, processes of negotiation and drafting of the inscribed boundaries.

Key Words

Memory, ethnicity, identity.

O principal objetivo desse artigo é investigar as relações entre memória, etnicidade e usos do passado, enfatizando os processos de construção de identidades étnicas ocorridos no Rio Grande do Sul, especialmente a partir da Grande Imigração do final do século XIX. Buscamos elucidar a relação entre a memória dos grupos imigrantes e as trajetórias individuais, para tanto, recuperamos também o debate teórico sobre história, memória e reconfigurações de identidades.

Memória é um termo polissêmico e tem sido muito utilizado nos estudos sobre a construção da identidade étnica. Contudo, é preciso não perder de vista que nem

tudo deve ser lembrado e, como já nos alertava Renan (1997), a construção das identidades sociais se faz tanto em função daquilo que é lembrado como do que foi esquecido. Cabe ressaltar que memórias e identidades não são coisas fixas, mas representações e construções da realidade, fenômenos que são mais subjetivos do que objetivos.

Woodward (1993) afirma que as identidades são construídas em momentos particulares no tempo, podendo evocar tanto o passado, através das origens, mitologias e fronteiras, quanto o presente, via contestação e justificativa de alguns códigos culturais. É o que vemos frequentemente entre os imigrantes italianos do Rio Grande do Sul, que constroem sua identidade através de um passado comum, constantemente ajustado e retificado em função dos acontecimentos do presente.

Por fim, desejamos analisar a questão do poder e da autoridade que estão diretamente envolvidos no processo de seleção e manutenção da memória social. Observar quem são os intérpretes autorizados a falar pelo grupo estudado, os símbolos que eles escolhem para o grupo e a maneira como constroem sua identidade nos diz muito sobre os processos de construção e elaboração da memória social.

Nossa compreensão de memórias está baseada em Halbwachs (1990), para quem a memória é uma leitura sobre o passado elaborada no presente, ou seja, com os sentidos e significações experimentados por seus narradores e construtores na contemporaneidade do narrado. Buscamos, também, evidenciar a riqueza do debate teórico sobre história, memória e reconfigurações de identidades, que tem salientado o quanto as culturas são campos abertos e flexíveis por meio dos quais os indivíduos buscam se situar e elaborar uma trajetória com sentido (e talvez com estabilidade continuada) acerca de si mesmos.

Quando se trabalha com as memórias da imigração, é necessário considerar que frequentemente a memória individual e a coletiva se entrelaçam. As memórias individuais se configuram em pontos de vista sobre a memória coletiva, como resalta Halbwachs (1990). Afinal, são indivíduos que narram baseados em elementos portadores de sentido para si e para o coletivo do qual fazem parte, aliás, o mesmo autor resalta que as memórias só permanecem enquanto têm sentido.

Trata-se, portanto, de construções com sentido, permeadas por valores vigentes no mundo atual dos descendentes em que há disputas por poderes, representações, sentidos, objetividades e subjetividades simultaneamente. O que nos motivou à elaboração deste artigo foram as imensas possibilidades narrativas que este processo propicia, bem como as noções de pertencimento que são acionadas nessa elaboração constante de fronteiras étnicas e culturais. Além disso, outra questão que nos impulsionou foram os processos de legitimação de narrativas sobre o passado. De quem partiam? Quem os produzia, circulava e consumia? O que possibilitava sua

legitimação? Pretende-se, ao longo deste artigo, mais do que responder a estas questões, salientar a importância de que estas sempre sejam consideradas nos estudos sobre memórias e identidades étnicas que pretendem narrar uma origem comum.

Nossa compreensão de grupos étnicos está baseada em Weber (1994), para quem a crença na origem comum sustenta as possibilidades organizativas e afinidades de tais grupos. Pensamos, igualmente, conforme Barth (2000), que os grupos étnicos são grupos em situações de fronteira, que se percebem e são percebidos como distintos nos processos interativos aos quais estão submetidos. São, também, grupos de interesse que disputam recursos, poderes, prestígios, tendo a vantagem, segundo Cohen (1979), de serem considerados informais, e, portanto, não entrarem em conflitos abertos com os Estados; ou seja, a configuração étnica da qual falamos neste artigo se traduz nos limites colocados pelos estados nacionais, nos quais estes grupos estarão localizados e disputando recursos materiais e/ou simbólicos diversos. São estes pontos de vista que tornam os processos de construção de memórias tão ricos para os antropólogos, como explicita Zanini (2006, p. 252):

(...) há uma memória coletiva que está sendo compartilhada e há também uma memória da colonização que está sendo pesquisada e divulgada por intelectuais, ativistas e escritores de memória e que está se tornando coletiva também. Ela se transforma, enquanto instrumento de uso coletivo, em **arma**, em instrumento para a visibilização das diferenças e a colonização um processo continuado que se expande dos domínios geográficos para outros campos.

Em suma, de uma forma breve, tencionamos refletir acerca das elaborações e vivências das identidades étnicas e de seu processo de agenciamento. Há, neste movimento interativo e político, uma constante tensão (ou fricção) ⁱ em que a etnicidade, enquanto processo interativo assume sua razão de ser. Perante os estados nacionais, o que se tem observado historicamente é que as diversidades devem ser negociadas e findam, por vezes, por se tornarem códigos legislativos e não necessariamente aprendizados de convívio de diferenças.

Notamos que frequentemente as identidades étnicas são produzidas em um contexto de imigração. O discurso identitário está vinculado ao processo imigratório em si. De acordo com Smith (1993), a noção de etnia é anterior à nação. A ideia de etnicidade é essencialmente mítica e simbólica, portanto, para esse autor, são elementos constitutivos da etnicidade: o mito, a memória e os valores e símbolos.

Quanto à trajetória dos emigrados italianos no Brasil, o que se observa é que houve uma mudança na relação Estado brasileiro/italianidade/brasilidade ao longo de mais de um século de processo colonizador. Alguns dos elementos presentes na convivência dos italianos e de seus descendentes com os “brasileiros” serão, por nós, analisados neste artigo, enfocando-se, principalmente, no caráter discursivo e

adscritivo de tais distinções. Se as fronteiras de pertencimento e seus demarcadores se transformam historicamente, salienta-se que este “campo” (vide BOURDIEU, 1983) se apresenta composto por agentes que disputam interesses, prestígios, recursos materiais e simbólicos, entre outros elementos. Etnicidade entre “italianos” e “brasileiros” é uma histórica relação de construção de diferenças que deve sempre ser analisada de forma situacional, contextualizada e descritiva. Em suma, sem generalizações.

Alguns autores com experiência etnográfica entre diferentes grupos de descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul têm salientado, em várias publicações, o quanto as generalizações podem ser danosas (ZANINI e SANTOS, 2009a e 2009b). Há italianidades diversas, frutos de encontros entre possibilidades humanas, econômicas, ecológicas, históricas, geográficas e individuais diversas. Como bem salienta Sayad (1998), a imigração deve ser analisada, com certeza, sob a ótica de um fato social total, pois nela há elementos do homem por inteiro (corpo, emoções, sentimentos, historicidade e pertencimento social). É partindo desta perspectiva que enfocaremos as relações entre memórias e identidades étnicas no presente artigo.

A migração italiana para o Rio Grande do Sul: breve histórico

A migração italiana em massa para o Rio Grande do Sul ocorreu em finais do século XIX. Em 1875, começam a chegar as primeiras famílias à região serrana do estado e, em 1877/78, à região central. Várias foram as levas de emigrados italianos que vieram predominantemente oriundos do Norte da Itália, católicos, camponeses pobres e não letrados. Os motivos que atraíram aquelas famílias para o Brasil estavam baseados nas condições de vida que tinham numa Europa em transformação, na qual, a Igreja católica perdia seu poder, a pobreza assolava os mais despossuídos, a Revolução Industrial e o capitalismo se expandiam enquanto visão de mundo e estilo de vida. Além disso, pode-se pensar que, para algumas famílias de camponeses pobres que assistiam a suas famílias se desmembrarem perante as exigências de sobrevivência, a emigração tornou-se uma alternativa de sobrevivência cultural (vide GROSSELLI, 1987 e ALVIM, 1986) e do *ethos* camponês do período. De certa forma, no Brasil, eles mantiveram-se católicos, patriarcais, trabalhadores baseados na organização familiar e com suas famílias unidas.

Quando migraram para o Brasil, a Itália recém-unificada não possuía uma identidade nacional formada de “italianos”. Eles eram, antes, moradores de seus *paeses*, falantes de dialetos diversos, adoradores de seus santos específicos e cultivadores de hábitos distintos. Segundo De Boni (1980), o idioma comum daquelas

populações era o catolicismo. Foi na experiência migratória que se perceberam como iguais. Na passagem transoceânica, como narra o imigrante Lorenzoni (1975), os dialetos eram tantos que não se entendiam. Contudo, na experiência da migração e, posteriormente, do processo colonizador em terras brasileiras, a italianidade passa a fazer sentido. Ela denota uma diferença, uma origem baseada na travessia mítica do velho para o Novo Mundo, para a América, como ressalta Lorenzoni (1975) em suas memóriasⁱⁱ: “Diante de tanta miséria, tanto sofrimento, tantas dores, assim mesmo o colono italiano não desanimava. Impávido, superava todos os obstáculos e todas as desgraças, que ameaçavam até sua própria existência” (LORENZONI, 1975, p.53).

Por colono, entende-se, de acordo com Seyferth (1993), aquele camponês do sul do Brasil que aciona uma origem distinta, segundo a autora a categorização jurídica de colono estrangeiro foi adotada como identidade de grupo. Fala-se, desta forma, de colonos italianos, alemães, poloneses, russos, entre outros. No processo migratório de italianos para o estado de São Paulo, por exemplo, o colono e a figura do colonato se configurarão historicamente de forma diversa. No Rio Grande do sul, os colonos, em grande parte, convertem-se em proprietários de pequenos lotes e se mantêm com o trabalho familiar na terra.

Narrativas míticas, mitos narrados e trajetórias em perspectivas.

Entre os relatos de imigrantes, geralmente, são valorizados aqueles que descrevem tragédias, grandes obstáculos e perigos que tornam a saga dos antepassados mais valorizada; e desqualificados como “propaganda” aqueles que elogiam as condições da colônia e incentivam os parentes a imigrar também. ⁱⁱⁱ Como nos diz Fausto (1997, p. 9), de certo modo, nós “inventamos” o passado a partir do presente. “Além disso, convém lembrar que as lembranças citadas são também veículo de outras lembranças, de antepassados e amigos já mortos. O veículo não é neutro, impregnando também as histórias ouvidas, com sua própria elaboração”.

Conforme observado por Zanini (2006) em sua pesquisa etnográfica, há uma série de elementos que dialogam com as construções de memórias. Entre eles, podem-se citar a classe social do narrador, seu gênero, sua capacidade discursiva, sua geração, entre outros. De acordo com a pesquisadora, as mídias também se convertem em elementos importantes na reconstrução narrativa do passado vivido pelos antepassados. Zanini (2005) relata que, na época de sua pesquisa, estava sendo transmitida, pela Rede Globo de televisão, a novela *Terra Nostra*^{iv}, que contava a saga de imigrantes italianos para São Paulo. Segundo a autora, era comum os descendentes mesclarem fatos ouvidos de seus antepassados com aqueles lidos em

escritos locais e com as cenas da novela. Tratava-se, portanto, de um momento em que a linguagem televisiva fomentava processos reflexivos pertinentes às questões de cunho étnico e em que as possibilidades narrativas se expandiam. Era comum nos relatos a presença do mar, das mortes em alto mar, das doenças, dos medos e também da esperança que traziam consigo neste processo de ruptura.

Citando Da Matta (1998), pode-se salientar como o autor, que:

Tudo isso mostra como a identidade se faz com a história e, num certo sentido sem ela. Pois se a história inventa a memória, é a sociedade que, salientando certos acontecimentos em vez de outros, constitui as recordações e os valores – aquilo que é inscrito no copo social como o que não pode ser esquecido e deve ser perseguido, dramatizado e reconstruído (DA MATTA, 1998, p.76).

Memórias e identidades não são objetos fixos, mas representações e construções da realidade, fenômenos que são tanto subjetivos como objetivos. ^v Como observou Gillis (1994), a noção de identidade depende da idéia de memória e vice-versa, baseando-se num sentido de semelhança no tempo e no espaço que é sustentado pela lembrança. Enfim, podemos afirmar que memória e identidade são valores disputados, em especial, num mundo globalizado em que as distinções e as diferenças agregam valor aos indivíduos nos mercados (econômico e simbólico).

Pode-se observar historicamente que, nos processos de identificações coletivas, existe um trabalho permanente de enquadramento da memória: “Cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização” (POLLACK, 1992, p.7). Este enquadramento, contudo, não pode ser pensado de uma forma neutra, mas sim politicamente carregado, em que silenciamentos, esquecimentos e criação de espaços, monumentos e tempos de rememorar adquirem força. Afinal, quem tem direito a ser lembrado? De qual forma? Onde? Quando? Como? Por quê? Enfim, o que se observa é que quando não há arquivos de memórias, nem fontes, as mesmas podem ser processadas e transformadas (vide AGIER, 2001). Seyferth (1986) aponta que as escolas étnicas do sul do país e as igrejas (tanto a católica quanto as protestantes) desempenharam um papel decisivo no fomento de uma consciência étnica que marcava esses grupos de descendentes de imigrantes como distintos da sociedade nacional abrangente.

Santos (2004) relata que, entre os descendentes de imigrantes de Caxias do Sul, a Festa da Uva funciona como um lugar de enquadramento da memória, condicionando aquilo que deve ser lembrado e conformando a história oficial. Isso ocorre porque, de acordo com Woodward (1993), as identidades são construídas em momentos particulares no tempo, podendo evocar tanto o passado, por meio das

origens, mitologias e fronteiras, quanto o presente, via contestação e justificativa de alguns códigos culturais.

É o que vemos frequentemente entre os imigrantes italianos do Rio Grande do Sul, que constroem sua identidade baseada num passado comum, constantemente ajustado e retificado em função dos acontecimentos do presente. São, de fato, negociações de sentido ajustadas às visões de mundo em paralelo ao mundo cotidiano.

Literatura de descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul

Para Zanini (2005, 2006), o domínio da linguagem escrita permitiu, aos descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, uma revivificação e um fortalecimento no processo de construção de memórias. Em seu estudo, Zanini (2006) observou que havia vários escritos que tinham por objetivo, mesmo que de formas diversas, salientar o pertencimento ao mundo italiano. Fosse contando a saga dos colonizadores nas localidades, elaborando genealogias familiares, reunindo cantos, receitas, o que se verificava ao final destes escritos era um tom narrativo de saudação aos antepassados e ao que eles deixaram de legado no presente.

A educação formal se converteu numa forma de ascensão social, e a escrita numa possibilidade de construir, sobre si mesmos narrativas em que se percebiam como sujeitos, agentes, como se observa na apresentação de uma obra escrita por descendente:

Este é um trabalho que, apesar de ser um tanto exaustivo, nos deu uma dimensão maior da pessoa humana... Imaginamos e sentimos, nestas andanças, tanto a alegria quanto a tristeza evocadas nas esteiras destas existências centenares. Quanto mais valorizamos o passado, mais usufruímos o presente, melhor nos preparamos para o futuro (DAL LAGO, 1991, p.11-12).

Algumas destas obras envolvem esforços familiares, investimentos econômicos para obtenção de informações e publicação, viagens, enfim, uma série de procedimentos antes que se tornem públicas. Grande parte delas traz, em sua apresentação ou introdução escrita, um breve histórico de sua elaboração individual ou coletiva e dos processos que envolveram tal empreitada. São escritos válidos não por seu teor estético, mas sim pelas estruturas de significação que trazem em suas páginas acerca do pertencimento étnico ali exposto. Os antepassados traduzidos em palavras, os conflitos entre os mundos da colônia e o da cidade, o ingresso de novos valores, o enfraquecimento da religiosidade são temas que atravessam estas obras. Há descrições de batismos, casamentos, crismas, primeiras comunhões, ordenações, enfim, elementos que salientam a importância da religiosidade para estes

descendentes, mesmo no presente. Mesmo que a tríade trabalho, família e religião esteja se transformando na atualidade, estes escritos mostram que estas alterações de valores não se dão sem conflitos e sem processos reflexivos sofridos.

Desde o ano de 1975, quando aconteceram os festejos do centenário da Colonização italiana no estado do Rio Grande do Sul, a produção, circulação e consumo desta literatura têm crescido quantitativamente e qualitativamente. Parte das memórias construídas e hoje narradas legitimamente toma como base alguns dos livros escritos e publicados por descendentes. Do nosso ponto de vista esses descendentes se transformam em agentes interétnicos que passam a desempenhar um papel muito importante na produção, circulação, consumo e também na legitimação das narrativas. Entre estes agentes, citam-se religiosos e religiosas, intelectuais, empresários, membros de entidades italianas e pessoas que tomam para si a tarefa de “preservar” e “visibilizar” a história e cultura de seus antepassados. Pode ser considerado um exemplo, o livro produzido por Righi et al (2001), que apresenta na perspectiva de descendentes de imigrantes italianos da região central do Rio Grande do sul, a história da colonização local.

Zanini (2006) encontrou inúmeros guardiões de memórias familiares que se tornam responsáveis pela guarda de fotografias, certidões, passaportes, cartas, roupas, entre outros objetos dos antepassados. Há famílias, inclusive, em que mais de um descendente disputa o lugar de guardião da memória familiar. A possibilidade de obter dupla cidadania também, por vezes, promove a reconstrução da história familiar, uma vez que, para pleitear este direito, toda a genealogia deve estar documentada e listada. Nestas buscas, muitas memórias findam por serem trocadas, partilhadas, famílias se encontram e, no Rio Grande do Sul, inúmeras Festas de Famílias têm sido promovidas. Nestas festas, por vezes, reúnem-se centenas de descendentes de um mesmo emigrado, que passam a partilhar de um sentimento de pertencimento comum, o de descendente e também o de “italiano”. Alguns livros com as histórias das famílias são elaborados e distribuídos para os descendentes durante as festas. Zanini (2006) partilhou da recepção de um destes livros, e o interesse de alguns descendentes de se autodescobrirem parentes. Nesta produção de um passado comum, em verdade, elabora-se um presente reinterpretado e novas possibilidades de relações futuras, com novos sentidos também.

Considerações Finais

Este artigo objetivou, de uma forma breve, salientar o quanto as memórias são construções e o quanto as noções de pertencimento étnico delas se alimentam e com elas dialogam. Baseado em estudos empíricos realizados pelas autoras, observou-se o

quanto um mesmo grupo, o de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul e seus descendentes, pode, por meio das negociações identitárias em que o passado toma lugar, reivindicar maior visibilidade e valor social.

Elaborar uma trajetória de sucesso e com sentido permite uma identificação não estigmatizada do italiano no Rio Grande do Sul. Embora o colono italiano no passado (e ainda no presente) represente um estigma, ele tem sido ressemantizado pelo viés do trabalho e do papel de agricultor. Entendemos que o próprio grupo elaborar suas narrativas é algo extremamente importante que permite que se sintam sujeitos e agentes, ao menos da produção literária de sua história. Partindo desta ou junto a esta, muitas memórias são partilhadas, trocadas, alteradas e repassadas às gerações mais jovens. Salientar a pobreza do antepassado, como observou Zanini (2006), pode não mais ser um sinal de desprestígio, mas sim de valorização do homem que fez a si mesmo e que enfrentou adversidades. Enfim, é uma narrativa de sucesso, por mais que nem todos os membros do emigrado tenham ascendido ou “vencido”. Por meio das memórias, as vitórias de uns transformam-se nas vitórias de muitos, e as dores e frustrações também.

Observamos, enfim, que se as identidades se constituem através das memórias, as memórias também são constituídas a partir das identidades, e como as identidades sociais são sempre relacionais e mutantes, as memórias da migração e seus sentidos também se modificam constantemente.

Referências Bibliográficas:

- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, Rio de Janeiro, 7(2), p.7-33, 2001.
- ALVIM, Zuleika Maria Forcione. *Brava gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ARRUTI, José Maurício Paiva Andion. “*Etnias Federais*”: o processo de identificação de “remanescentes” indígenas e quilombolas no Baixo São Francisco. 2002 430f. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Antropologia Social) PPGAS/ Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.
- AZEVEDO, Thales de. *Italianos e gaúchos*. Rio de Janeiro: Catedra; Brasília: INL, 1982.
- BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, Tomke. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O índio e o mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- COHEN, Abner. *Custom and politics in urban África*. London: Routledge and Kegan Paul, 1979.
- DAL LAGO, Osvaldo et al. *O imigrante Giorgio Dal Lago e seus descendentes*. Santa Maria: Livraria Editora Palotti, 1991.
- DA MATTA, Roberto. "As mensagens das festas: reflexões em torno do sistema ritual e da identidade brasileira". In: Sexta-feira, n. 2, ano 2, p.72-81, 1998.
- DE BONI, Luis Alberto. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: LANDO, Aldair et al (org). *Migração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 234-255.
- FAUSTO, Bóris. *Negócios e ócios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- GILLIS, John R. "Memory and identity: the history of a relationship", in: John R. Gillis (ed.), *Commemorations: the politics of national identity*, New Jersey, Princeton University Press, 1994.
- GROSSELI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer*. Camponeses trentinos (venetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- LORENZONI, Julio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.
- POLLACK, Michael. "Memória e identidade social". In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992. p. 200-212.
- POZZOBON, Andréa. Uma Odisséia na América. In: POZZOBON, Zolá Franco. *Uma odisséia na América*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.
- RENAN, Ernest. "O que é uma nação?". In. ROUANET, Maria Helena (org). *Nacionalidade em questão*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- RIGHI, José Vicente et al. *Povoadores da Quarta Colônia*. Porto Alegre: EST, 2001.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.
- SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o Fruto: Festa da Uva e Identidade Entre Os Descendentes de Imigrantes Italianos de Caxias do Sul – RS*. 2004, 344 f., Tese (Doutorado em Antropologia Social), PPGAS/Museu Nacional, UFRJ Rio de Janeiro, 2004.
- SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). *Anuário Antropológico* 91. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p.31-63.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e Identidade étnica. In: *Revista de Antropologia*. Vol.29, SP: USP, 1986
- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: EdunB, 1990.
- SMITH, Anthony. *The ethnic origins of nations*. Oxford: Basil Blackwell, 1993.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3 ed. Brasília: Editora UNB, 1994. vol1.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. O Estado Novo e os descendentes de imigrantes italianos: entre feridas, fatos e interpretações. In: DALMOLIN, Cátia (org). *Mordaça Verde e Amarela*. Santa Maria: Palotti, 2005. p. 113-128.

ZANINI, Maria Catarina. *Italianidade no Brasil meridional*. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria- RS. Santa Maria: Ed.UFSM, 2006.

ZANINI, Maria Catarina; SANTOS, Miriam de Oliveira. O trabalho como “categoria étnica”: um estudo comparativo da ascensão social de imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1975). *REMHU*, Brasília, Ano XVII, n.33, p.175-196, 2009.

ZANINI, Maria Catarina; SANTOS, Miriam de Oliveira. Colonizações em contraste: italianos no Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos et al (org). *Colonos, Colônias & Colonizadores*. Erechim: Habilis, 2009. Vol II, p. 217-229.

ⁱ Conforme Roberto Cardoso de Oliveira (1964).

ⁱⁱ Suas memórias foram traduzidas por uma descendente e publicadas quando dos festejos do centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, em 1975.

ⁱⁱⁱ Um exemplo do primeiro tipo é o de Lorenzoni (1975), o fato de que ele imigrou primeiro para a região da colônia de Silveira Martins na região central do estado, onde as condições eram realmente mais duras e as estradas não existiam é constantemente “esquecido” por aqueles que o citam. Exemplo do segundo tipo são as cartas de Paolo Rossato. O primeiro fala das dificuldades encontradas na travessia, das mortes no barracão e das dificuldades para chegar até os lotes. Rossato escreve cartas em que afirma: “não creiam vir para a América para mudar de posição, ares, língua, porque a língua é toda italiana e somos todos italianos” (AZEVEDO, 1982:153).

^{iv} Novela escrita por Benedito Ruy Barsbosa.

^v Um exemplo prático dessa construção de memórias e identidade pode ser encontrado em ARRUTI, José Mauricio Paiva Andion. *Etnias Federais: o processo de identificação de remanescentes indígenas e quilombolas no Baixo São Francisco*.